

Inflação: previsões de 300 a 600%.

Como será a economia brasileira em 1988? O cenário otimista do economista Paulo Guedes, vice-presidente do IBMEC (Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais), prevê uma queda de 2% no PIB, superávit comercial de US\$ 13,7 bilhões e inflação de 300%. "Nesse cenário — disse ontem aos jornalistas, em São Paulo — o governo tenta impedir uma hiperinflação com medidas tópicas, mas na direção certa. Não ocorre predominância dos aspectos eleitorais. Impede-se o agravamento do déficit público, sem cortá-lo, e excessos monetários. E não há perda de superávit externo." No cenário pessimista, "predominam as intenções eleitoreiras, o déficit fiscal é crescente, a política monetária é passiva — financiando o déficit público, e o governo tenta reajustar preços relativos — o que pode ser como riscar um fósforo num pátio cheio de gasolina". O cenário pessimista pressupõe crescimento econômico positivo de 1%, superávit comercial de US\$ 9,3 bilhões e 600% de inflação.

Outros economistas consultados pelo JT sobre 1988 têm opiniões semelhantes, mas às vezes menos agudas que as de Paulo Guedes. É o caso do ex-ministro Mário Henrique Simonsen, que na semana passada, em São Paulo, afirmou que, num único exercício, como 1988, o governo pode até conseguir um crescimento maior, porém não sustentável.

O ex-presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, entende que a característica de 1988 é a incerteza, "sem espaço para crescimento". E avança: "Tentar aquecer pode gerar hiperinflação". Ou então, observa, "perder o ajuste externo". Pastore acha que cenários só são possíveis quando há uma política ordenada. "Mas não há possibilidade de prever como o governo vai reagir." E conclui: "Nada para mim é mais provável. Uma coisa é probabilidade, outra, incerteza. Como não sei como o governo reage, não há probabilidades, há incertezas".

Um especialista em cenários, o professor José Paschoal Rosseti, tem um quadro positivo e outro negativo. Com Constituição moderada e situação externa razoável, é possível um crescimento econômico de 2,5%, num ambiente de 270% a 330% de inflação. Num quadro pessimista, o crescimento cai a 0,5%.

Para a economista Maria Cristina Pinotti, da Delphos Consultoria, a evolução do PIB poderá atingir 2% a partir dos gastos em pequenas obras públicas, típicas de um ano eleitoral. O governo que sai — notou — deixará a conta para o sucessor. Quanto à inflação, poderá situar-se em 350% ou mais, "com choques heterodoxos e tudo". Afinal, "1988 será igual ou pior que 1987", nota a economista.